

Bartosz Dondelewski

Universidade Jagellónica
de Cracóvia

*A PERSISTENTE VITALIDADE
D'A FALA. ESBOÇO DE ENQUA-
DRAMENTO TEÓRICO DESDE
A PERSPECTIVA DAS CIÊN-
CIAS SOCIAIS*

COMPREENDER A PERVIVÊNCIA DO FALAR DE XÁLIMA

O presente artigo pretende ser um desenvolvimento de algumas ideias apresentadas na sua forma primitiva na minha tese de licenciatura (Dondelewski 2011)¹ e em Dondelewski 2012. Um desenvolvimento que penetrará sobretudo na vasta área das ciências sociais e na sua intersecção com os estudos da linguagem (nomeadamente, a psicolinguística e a sociolinguística), com o intuito de propor uma óptica alternativa de pensamento científico sobre a excepcional vitalidade do falar de Xálima², um enclave linguístico na Extremadura espanhola. Como já tinha mostrado nos trabalhos citados, as explicações puramente históricas, as quais abundaram na literatura sobre a fala até os anos 90, não me parecem plenamente convincentes, principalmente por se basearem num material linguístico escasso e apto apenas para descrever e para ajudar a compreender a realidade do vale extremenho, que só se verificou no passado, sendo aquela que vivem hoje em dia dos xalimegos e a fala de longe mais complexa. Precisa-se de um olhar mais amplo que seja capaz de avistar a relação que a fala mantém com os falares vizinhos, a importância deste geolecto para os seus falantes, além de explicar a razão e o mecanismo do seu mantimento. A resposta jazerá algures entre a forma de que se reveste a linguagem naquele recanto extremenho e as vicissitudes que tem experimentado pela parte das gentes delá.

Uma investigação cabal e completa sobre a fala precisaria de um fundamento empírico robusto, sobretudo no que toca às relações entre a língua e a sociedade, as atitudes linguísticas. Dado que neste momento praticamente não existem dados desta índole referentes à Xálima, este estudo será um esboço teórico, uma apresentação de hipóteses que surgiram durante leituras de textos dedicados a problemas similares e melhor desenvolvidos. A finalidade principal do texto é traçar os caminhos de investigação

¹ Disponível online. Cf. a lista bibliográfica.

² Dentro da discussão sobre a assim chamada *a fala*, costuma-se salientar a sua vitalidade em comparação com os demais falares da fronteira (*a raia*) luso-espanhola, todos em vias de uma extinção completa.

mais prometedores, abordando a face social do problema, determinando noções e ferramentas teóricas úteis e, finalmente, determinar outras áreas em que será imprescindível investigar.

UM OLHAR NOVO PARA UMA REALIDADE ALTERADA

O primeiro estudo de um foco social relativamente parecido com meus projectos surgiu apenas no ano passado e é da autoria de Fernando Ramallo (2011). O autor galego confirma, 15 anos depois da última investigação a este respeito, que a fala continua viva entre os xalimegos, gozando de um elevado apreço e de uma transmissão intergeracional (ibid.: 127), graças ao que está a salvo do perigo de extinção. A comunidade d'a fala é caracterizada como “unha intensa rede social múltiple e densa que garante o mantimento e a reprodución das convencións sociais, entre elas o uso das variedades vernáculas (ibid.: 119)”.³ Porém, ressalta-se um crescente índice de bilinguismo, causado pela emigração económica e pelas alterações estruturais na região nos últimos tempos.

Os ditos factores não podem ser esquecidos na hora de estudar a manutenção linguística no Val. Ora, o eixo teórico para a descrição sociolinguística do Val de Xálima no estudo de Ramallo é vinculado com a investigação iniciada pelos linguistas alemães, ligados à problemática histórica e ancorados no passado daquele recanto extremenho (ibid.: 114–118), nomeadamente com os estudos das *Sprachinseln*: “enclaves” ou “illas linguísticas” (ibid.: 114). Xálima, em termos gerais, inscreve-se numa característica global deste tipo de comunidades linguísticas minoritárias:

“(...) economía primaria, ás veces cunha emerxente terciarización (turismo); área xeográfica reducida, con frecuencia illada; redes sociais densas e endogámicas; identidade local diferenciada; bilingüismo; baixo ou nulo nivel de estandarización lingüística, diversidade dialectal; lingua propia marxinada politicamente, sen recoñecemento legal, etc.” (ibid.)

Não restam dúvidas quanto à aplicabilidade destas características para a descrição d'a fala. Todavia, referindo o texto de Vinokurov (2007) (ibid.: 116), o autor atribui ao nosso enclave o nome de um “enclave étnico”, onde “[a] lingua e (...) [a] cultura son os elementos que actúan como **definidores históricos** do colectivo por enriba doutras peculiaridades do contorno”⁴. Ramallo descreve Xálima como uma *ilha linguística* sempre em conexão com o seu passado, envolvendo-se no debate sobre o hipotético isolamento histórico do Val, explicatório do mantimento d'a fala, um debate muito polémico, que continua em aberto. O autor permanece sem se posicionar, limitando-se a referir, numa constatação reconciliadora, o seu “relativo illamento” (ibid.: 118), que teria actuado em conjunto com factores de outras índoles.

Na discussão sobre a vitalidade d'a fala, até à actualidade nenhum estudo se mostrou capaz de abordar provas irrefutáveis de ter sido o seu isolamento que a preservou.

³ Milroy e Malgrain (1980), citados por Rosenberg (2005: 223), caracterizam as ilhas linguísticas como “linked internally with a dense communication network” e “with a shared attitude of being distinct from the surrounding”.

⁴ Negrito meu.

Além disso, acredito não ser possível identificarmos a realidade descrita e estudada pelas abordagens históricas com a que podemos observar actualmente. É provável que sobre a conservação d'a fala, no seu passado, tivesse decidido o seu isolamento, a par de uma particular “conciencia de enclave lingüístico” (Mattheimer 2001 em *ibid.*: 114), a qual teria reforçado os sentimentos identitários.⁵ No entanto, no(s) tempo(s) recente(s), os factores que exercem influência sobre o mantimento d'a fala deverão ter sido diferentes e mais diversos. Bastará mencionar aqueles inexistentes no passado: movimentos migratórios da segunda metade do século XX; novos, mais rápidos e mais acessíveis meios de transporte; novos meios de comunicação que possibilitaram um contacto indiscriminado com as variedades maioritárias e standard⁶; escolarização geral na língua padrão e o interesse dos média e dos investigadores galegos pelas variedades do Val, além das recentes iniciativas da política linguística e culturais⁷. Os ditos factores devem ter influído de modo extraordinário na autopercepção, na autoestima e na adscrição identitária dos xalimegos.

Voltando à ideia das *ilhas*, acho mais oportuno percebermos o Val como um enclave rodeado por geolectos alheios, sim, mas de forma alguma como uma comunidade de fala isolada. Sendo assim, podem estabelecer-se novos, distintos fundamentos para o seu estudo, fundamentos que terão como ponto de partida o dia de hoje. Proponho adaptar uma nova óptica – interdisciplinar e dinâmica –, capaz de abranger todo o espectro dos processos que se estão a verificar em Xálima, uma comunidade que está num constante acto de contacto com o seu redor e cujo eixo de identificação é o seu peculiar falar.⁸

Como diz o próprio Ramallo, a comunidade em questão encontra-se em inícios de um processo de substituição linguística, causado pela crescente penetração do castelhano [*Ibid.*: 119]. Esta asserção e os já referidos novos factores que influem na nossa comunidade de língua, tornam necessário aplicarmos a visão de *conflito linguístico* entre a fala e a(s) variedade(s) vizinha(s), maioritária(s)⁹. Mesmo que a tal se tivesse verificado no passado, hoje carece de sentido descrever a realidade do Val em termos

⁵ Existem vozes que apresentam a tese de Xálima ter sido um centro cultural e económico local de importância, o que terá influído no surgimento de um particular orgulho, uma identidade local (Dondelewski 2011: 16–21). De facto, Martínez, González e Urdaneta (2001), perguntam-se sobre o papel prestigioso de uma comunidade venezuelana no passado (s. XVIII), que persiste ainda no (in?)consciente colectivo, dando origem a uma forte identidade local e a uma preferência pelo falar local em comparação com o padrão. Todavia, no caso d'a fala se ter originado como possuidora do poder nos ss. XIII–XIV, a probabilidade uma tal influência é diminuta, além de as provas existentes serem pouco consistentes.

⁶ Sobre as novas tecnologias de informação e a construção de identidade, cf. Cerulo 1997: 397–399).

⁷ Sobre a “dignificação” d'a fala, cf. Dondelewski 2011: 9–11.

⁸ Xálima consiste em três localidades, das quais cada uma possui um falar ligeiramente diferente. Poder-se-ia, por tanto, com muito proveito, estudar cada um dos Tres Lugaris por separado. Todavia, não existem estudos tão precisos. Além disso, dada a alta homogeneidade da comunidade e laços sociais fortes entre os Lugaris, inclino-me a tratar, como todos os interessados pelo tema, Xálima como uma unidade.

⁹ Inclino-me a atribuir-lhe o papel de “agressor” só ao castelhano e não ao português, por existirem, actualmente, menos laços com o último. De qualquer modo, precisar-se-ia de um estudo específico a este respeito.

de uma *diglossia prolongada* tradicional, proposta por Ferguson (1959), e ligeiramente alterada por Rotaetxe (1988), estável, com os papéis das línguas A e B claramente diferenciados (Blas Arroyo 2008: 395–400). Numa situação de um contacto constante com os média em castelhano, com os filhos e os netos que só falam a língua maioritária e – factor talvez de maior importância – recebendo constantes mensagens de apreço por parte de cientistas e jornalistas forâneos, os xalimegos devem estar submetidos à questão de uma escolha – consciente – entre o vernáculo e o alheio, que potencialmente levará a reajustes de uso, problema essencial se queremos compreender o presente e prever o futuro d’a fala. Porém, a noção de conflito linguístico é importante para nós também por ressaltar a dimensão pessoal e social da escolha linguística: “en tales circunstancias aparecen confrontados también diferentes valores y actitudes que los individuos (...) asocian a cada lengua, lo que influye poderosamente en la imagen intergrupal e intragrupal de los hablantes en la comunidad” (Ibid.: 415).

Resumidamente, seria muito proveitoso analisar a questão da vitalidade d’a fala vendo-a como uma situação de um processo de negociação da identidade individual para cada xalimego através do uso d’a fala. Acredito que, utilizando o geolecto local numa conversa com um forâneo, um xalimego assume a sua pertença à comunidade local, reforçando, ao mesmo tempo, a função identitária (imagem intragrupal) e diferenciadora (imagem intergrupal).

NECESSIDADE DE NOVAS FERRAMENTAS TEÓRICAS

Ora bem, as duas teorias clássicas que abordam o tema da escolha linguística numa situação de bilinguismo social, comentadas por Arroyo (ibid.: 421–437), nomeadamente a teoria do domínio sociolinguístico de Fishman e a teoria da acomodação e dos actos de convergência e divergência linguísticas, desenvolvida por Giles, Coupland e outros, revelam-se incompatíveis com as perguntas que pretendo fazer e com as ferramentas que a resposta às ditas requereria. A primeira teoria descreve os factores sociais que levam a certas escolhas linguísticas. A mim interessa-me em que medida e de que maneira a fala constitui um eixo identitário para a comunidade do Val, podendo tratar como implícita a motivação identitária das escolhas observáveis. A teoria da acomodação aproxima-se mais das questões essenciais do meu ponto de vista: deixa patente que, querendo determinar que língua vai ser escolhida num determinado acto comunicativo – racionalista e estratégico –, é preciso atendermos à identidade etnolinguística dos falantes. Mais uma vez, porém, a questão fundamental para os seus autores é determinar as razões de um dado acto de escolha. Além disso, como um dos factores essenciais expõe-se a pertença do falante ao grupo social “dominante o subordinado y en este segundo caso, la posibilidad de que un cambio social provoque realmente una mejora de su posición de la comunidad” (ibid.: 433). É possível adaptar um ponto de vista que permita ver os xalimegos como uma comunidade subordinada, mas as estratégias divergentes, que, de outra forma, seria proveitoso aplicar na análise, de longe não servem para melhorar a situação d’a fala dentro da comunidade: basta olhar para os resultados do inquérito levado a cabo por Ramallo (2011: 123), que testemunham uma clara atitude de resistência e de apreço para com a fala. A escolha entre a fala e o castelhano

deve ser um acto de aqui e agora, entre duas pessoas, e em conexão com o posicionamento no eixo *nosso* – *alheio*.

Rosenberg (ibid.: 224–229), no seu artigo sobre as ilhas linguísticas germânicas reflecte sobre a convergência linguística dentro da ilha (*dialect-dialect convergence*). Para nós o modelo apresentado não servirá. Primeiro pelo seu foco histórico: referem-se a extrema heterogeneidade dialectal na comunidade primitiva e os processos da nivelção dialectal (*dialect levelling*) dentro dela. Segundo, mesmo se ultrapassássemos as dificuldades metodológicas e transpuséssemos as ferramentas oferecidas pelo autor para o nosso campo, isto é, para a situação de contacto entre o geolecto xalimego e o castelhano ou português vizinho, a óptica que, por consequência, haveríamos de adaptar não satisfaria os nossos fins, pois, no caso da persistência d'a fala trata-se de uma resistência, uma divergência inspirada socialmente. Todavia, as ideias apresentadas por Rosenberg não devem ser ignoradas de todo. Debruçando-se sobre a dinâmica da nivelção dialectal, o autor faz uso de duas noções, originais de Schirmunski (1930): “primary” e “secondary dialect features” (ibid.: 224). Segundo esta última, os *traços primários* seriam rejeitados pela sua diferença articulatória, “derived by an impression of greater or lesser acoustic similarity and, more importantly, the psycholinguistic difference (...) which exists between his [the speaker’s] way of speaking and the norm of the written language” (ibid.: 224–225). Obviamente, no nosso caso não é de interesse falar nem sobre a assim descrita convergência articulatória, nem sobre o contacto com apenas o standard de uma língua¹⁰. Refira-se ainda como Dulson (1941) (ibid.: 225) desenvolveu as ideias supracitadas. Num olhar mais vasto, a relação dialecto-standard é só uma das possibilidades. O autor expõe ainda que os grupos de uma estrutura compacta, de laços mútuos estritos, podem persistir períodos de tempo longos mantendo a sua distinção. “Compactness of the group refers to the number of speakers and the distinctiveness of the group, the stability of group norms (in a wide range of linguistic and cultural attributes), attitudes concerning the in- and out-group and the inclination to accommodate” (ibid.).

O autor refere assim as ideias a serem propriamente desenvolvidas só décadas depois. Primeiro, Dulson parece referir uma realidade descrita através da noção das *redes sociais*, já mencionadas aqui. A imagem de Xálima que surge da literatura é, pois, de uma comunidade com fortes ligações pessoais e convívio entre os seus membros, numa vasta maioria pertencentes ao estrato social baixo, sendo agricultores ou artesãos (Dondelewski 2011: 20). Segundo Blas Arroyo (2008: 259–260) a comunidade em questão satisfaz os critérios de uma rede social densa: um modelo de alto grau de interações pessoais, reais e potenciais, dentro de uma comunidade. A rede social densa tende a uniformizar os comportamentos linguísticos dos seus membros; a pressão normativa é forte (ibid.: 261). À dita uniformidade linguística – que neste caso significa cultivar a fala – subordinam-se os xalimegos, sentindo a necessidade de *acomodação* dentro da comunidade (ibid.: 262). Neste momento, é preciso deixar claro que a acomodação no caso d'a fala significará para mim – ao contrário do apresentado por

¹⁰ Os xalimegos serão expostos a um vasto espectro de geolectos do domínio castelhano e português e a variedade falada na televisão estatal não necessariamente tem de exercer a maior influência. A determinação das variedades mais influentes é uma investigação que está por ser feita.

Schirmunski e Dulson – uma atitude divergente, uma divergência articulatória, linguística. O processo descrito pelos autores citados acima é aplicável para a fala se trocamos a sua finalidade. Assim sendo, os *traços primários* serão conservados pela sua *saliência perceptiva diferenciadora* (Dondelewski 2011: 73). Rosenberg (2005: 227) aponta ainda que os falantes de uma das ilhas linguísticas “have presumably retained some emblematic elements as markers of their variety”, atribuindo-lhes a função de *badges of membership*, na nomenclatura de Jaspal (2009: 20)¹¹, ou – termo forjado para a situação da fala – *traços de não-pertença* (Dondelewski 2011: 55, 74–76).

CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA LINGÜÍSTICAS – UM PROCESSO IDENTITÁRIO A DOIS NÍVEIS SOCIAIS

Começamos a tocar questões relacionadas com a construção da identidade. Este processo recebeu muito interesse da parte das ciências sociais e vamos abordá-lo neste âmbito. A divergência linguística tem a sua origem, pois, numa negociação da identidade.

Talvez a melhor definição da identidade para os nossos fins seja a proposta por Hall (1992: 276), relacionada com o sujeito sociológico, que “has an inner core or essence that is the »real me«, but this is formed and modified in a continuous dialogue with the cultural worlds »outside« and the identities which they offer”. O mesmo autor (Hall 1996: 4) expõe que “identities are constructed whithin, not outside, discourse”.¹² Tendo em conta esta opinião e seguindo o raciocínio de Iglesias-Álvarez e Ramallo (2002-03: 259), será no discurso, na *fala* dos xalimegos, onde pretendo procurar os mecanismos identitários que, por sua vez, influem na sua conservação. O discurso mantido ora entre dois xalimegos, ora entre um xalimego e um forâneo, é sempre uma experiência pessoal, de índole psicológica, psicosocial, mas ao mesmo tempo sempre em conexão com um ideário, uma representação colectiva, social, a qual todos os membros de um dado grupo social assumem. Os mecanismos identitários começam a funcionar, ou “identities arise in the presence of the *other*, of the opposite, of its negation, in a negotiated dialectic that is at all times an unfinished process of construction and deconstruction” (ibidem). A identidade, para surgir, precisa de um *outro*, de um *oposto*, do seu *constitutive outside*, como o chama Hall (1996: 4–5), portanto, se a vitalidade d’a fala realmente pode ser explicada por meio dos mecanismos identitários, o seu outro deve ser muito saliente, ou, dito de outra forma, a fala deve contar com traços diferenciadores excepcionais.

Iglesias-Álvarez e Ramallo (2002-03: 268–272) salientam, no seu estudo dedicado à identidade do seu país de origem, que, para os falantes nativos do galego, o facto de falar a língua é indispensável para ser galego. Porém, os galegos não só se assumem como diferentes do resto de Espanha através da sua língua, mas também “they go one step further by defining a kind of second degree of Galician-ness” (ibid.: 276), isto

¹¹ Voltaremos mais à frente sobre este autor.

¹² É interessante ver como Park (2007), num estudo que aborda a construção da identidade – também a étnica – como um processo de um constante desenvolvimento e negociação durante a conversa (o ponto de referência é o discurso). Argenter (2000) também expõe um conceito dinâmico de identidade, sendo esta todo um processo em construção.

é, a de um galego “da aldeia”, que fala a variedade local, não stadardizada, em oposição ao “neofalante”, que aprendeu galego na escola ou que fala uma variedade que carece de muitos traços vernáculos. Deste modo, os galegos contam com “a broad based identity” (ibid.), uma identidade dupla, ou antes bifacetada.¹³ Acho muito provável que um estudo que se debruçasse sobre as últimas duas questões quanto aos xalimegos revelaria o facto de, primeiro, falar a fala ser uma condição indispensável para pertencer à comunidade e, segundo, os xalimegos possuírem uma dupla ferramenta identitária para se distinguirem do fora do Val e para salientarem a sua singularidade dentro d’Os Tres Lugaris, ambas reforçando a(s) identidade(s) relacionadaa(s) com o(s) falar(es) utilizado(s). Por enquanto, porém, não existe informação alguma sobre este problema no Val. Seria um desafio interessantíssimo aprofundar o tema, dado que uma identidade estruturada de tal modo poderia ser um importante factor de reforço.

UMA VISÃO HOLÍSTICA DO EUE DA SUA IDENTIDADE

Os dois autores acima referidos atribuem ao galego a função de um símbolo identitário (“identification symbol”, ibid.: 268). Se quisermos, por conseguinte, descrever e compreender as relações entre a fala e a identidade dos xalimegos, teremos de adaptar uma óptica híbrida: juntar, ou melhor, inscrever, o factor – chamêmo-lo por enquanto de maneira provisória – *falar diferente* a alguma das teorias da construção de identidade existentes.

No seu estudo sobre os mecanismos da construção da identidade étnica, Jaspal e Cinnirella 2011 salientam os benefícios de aplicar a visão sociopsicológica da identidade e da sua ameaça. Mais concretamente, debruçam-se sobre a já clássica *Identity Process Theory* (a IPT) de Breakwell. Se considerarmos o *falar diferente* como um dos elementos (mais importantes) da identidade étnica, um olhar atento sobre as ideias oferecidas pelos autores britânicos revelar-se-á de bastante proveito.

Dentro da discussão sobre a identidade étnica, tem vindo a dar-se muita atenção a como os indivíduos lidam com as ameaças do seu eu e o que os motiva a defendê-lo. A identidade é, segundo a IPT, “the unique constellation of self-aspects which every individual possesses and which mark him or her as a unique person, different in psychological profile from the others” (ibid.: 3). A estrutura da identidade (isto é, o conteúdo e as dimensões de valor/afecto) rege-se por dois processos: o processo da *assimilação-acomodação* e o da *avaliação*. O primeiro absorve e ajusta uma nova informação dentro da identidade; o segundo, confere significado¹⁴ e valor aos conteúdos da mesma (ibid.: 2). Dos *princípios da identidade* (identity principles), os quais guiam os dois processos mencionados, vão interessar-nos dois: o princípio da singularidade e o da distinção dos outros; em breve, o *princípio da distinção* (distinctiveness) e o *princípio da pertença* (belonging principle).

¹³ Sobre a “doble adscripción identitaria” fala também Ramallo (2011: 123) no caso de Xálama.

¹⁴ Os demais três princípios clássicos, propostos por Breakwell são: continuidade através o tempo e a situação, sentimento de estar seguro e de controlo quanto à sua vida e o sentimento do valor pessoal ou do valor social. Outros autores adicionaram mais princípios ao modelo apresentado (ibid.: 2).

Porque é que a IPT é favorável para os nossos fins? A teoria sugere que quando algum dos princípios está em perigo, isto é, a identidade é ameaçada, o indivíduo aplicará *estratégias de superação* (coping strategies) para aliviar o perigo¹⁵. Além disso, segundo os cientistas britânicos, a teoria comentada abandona a tradicional divisão entre os pontos de vista social e psicológico, entre a identidade social e pessoal, dado que, como diz a própria Breakwell (2001), “seen accross the biography, social identity is seen to become personal identity: the dichotomy is purely a temporal artefact” (ibid.: 3). É esta perspectiva vasta e integrante dos níveis *macro* e *micro* da experiência identitária que acho mais adequada para descrever a vitalidade d’a fala.

Segundo a IPT, a identidade é ativada durante o contacto com *o outro*, com o *significant other*. Ora bem, suponhamos que um xalimego, membro de um certo grupo étnico, entra em contacto com um forâneo. Citando Phukon (2002), Jaspal e Cinnirella (ibid.: 6) compreendem o termo *étnico* como “an organized principle used by a group of people in order to differentiate themselves from other groups in terms of race, kinship, **language**, customs, mode of living [and] culture religion”¹⁶. Daí, escrevendo sobre os benefícios psicológicos da identificação étnica, hipotetizam que a identificação com o grupo étnico, ao qual pertence o indivíduo terá implicações positivas para o princípio da pertença e que este sentimento de pertença “is likely to serve as a buffer against perceived rejection from other social groups, such as from members of the dominant national majority, resulting in an overall enhanced sense of belonging (ibid.). Deste modo, se associássemos o falar diferente com a identidade étnica dos xalimegos, estaríamos na presença de um ponto de partida excelente para estudarmos o mecanismo de construção da identidade graças a e através d’a fala.

O segundo princípio da IPT supracitado ajuda a estruturar, dentro da visão teórica da vitalidade linguística xalimega, a construção puramente social da comunidade e a questão da sonoridade do nosso geolecto, da sua saliência fonética, ambas mencionadas linhas atrás.

Referindo Vignoles et al. (2000), os autores afirmam que o princípio da distinção é mais provável de ser acentuado quando o indivíduo percebe a diferença do grupo em relação ao envolvimento de maneira positiva (ibid.: 6). Lembro que caracterizámos a comunidade do Val como uma rede social densa, onde existe uma forte solidariedade intergrupar, pelo que fica corroborada a idoneidade deste modelo para dar passos seguintes na nossa tarefa. No entanto, o princípio em questão pode servir também para confirmar – em conjunto com o princípio da pertença – a importância da saliência fonética para o estabelecimento da identidade étnica, grupal, dos xalimegos. Na palavra dos autores é portanto razoável hipotetizar que “(group) distinctiveness is particularly relevant to the constuction of identity” (ibid.: 6–7). A noção do “relational self” (ibid.: 8) utilizada neste contexto confirma ainda importância de incluir no estudo factores que só surgiram na actualidade. Nomeadamente, as visitas de emigrantes à comunidade da sua infância pode acentuar os sentimentos de distinção e, por consequência, os sentimentos de pertença a um ou outro grupo (ibid.: 9). Vemos assim que a fala pode ser

¹⁵ Citando Breakwell através de Jaspal e Cinnirella (2011: 3), uma estratégia de superação é “any activity, in thought or deed, which has as its goal the removal or modification of threat to identity”.

¹⁶ Negrito meu.

compreendida ao mesmo tempo como a fonte da identidade e a sua manifestação talvez mais palpável.

Mais ainda, os autores comentados expõem que na presença de uma forte pressão de aderir e reproduzir certas representações sociais ligadas à identidade étnica num grupo, os critérios de inclusão e exclusão são construídos socialmente (ibid.: 10). A dita negociação da pertença possui uma estrutura interna. Referindo Maira (2002), sugere-se que indivíduos utilizam marcadores de autenticidade étnica (*markers of ethnic authenticity*) para responder a narrativas da etnicidade dos outros e afirmar a sua própria. Em consequência, alguns aspectos do eu podem ser percebidos pelos membros do grupo como essenciais para a pertença. A falta percebida resulta na exclusão do grupo (e na construção de uma identidade oposta ao excluído). Jaspal e Coyle (2010, 2009) afirmam a adequação deste modelo para estudar o papel da linguagem na construção da identidade étnica.

Ainda que os autores – como muitos que se debruçaram sobre este campo – tenham sob foco o discurso e o facto de continuar a falar a língua vernácula da diáspora (por exemplo, o inglês e o urdu na comunidade paquistaní da Inglaterra), no caso d'a fala acredito ser necessário – e possível – aplicar um escopo mais estrito: identificar marcadores de autenticidade, como os mencionados, hipotéticos traços de não-pertença, de acordo com apresentado em Dondelewski 2011. No contexto descrito, o simples facto de utilizar ou intercalar partes da oração na fala não resultaria suficiente, pois a inteligibilidade com as variedades castelhanas e portuguesas é perfeita. O facto de não se observar a convergência dialectal me leva a supor uma existência – na intersecção dos sistemas d'a fala e os vizinhos – de elementos fonéticos salientes suficientemente para poderem activar – em conjunto com a estruturação psicosocial do grupo – processos da adscrição ao *nosso* e ao *alheio*, da construção identitária ao redor d'a fala.

Gostaria ainda de mencionar alguns trabalhos que tendem a elucidar fronteiras entre os níveis alto e baixo da experiência social e que confirmam a adequação de uma óptica holística.

Stets e Burke (2000), alegando a necessidade de elaborar uma teoria geral do eu dentro da psicologia social, após analisarem e compararem a teoria da identidade (IT, identity theory) e a teoria da identidade social (SIT, social identity theory), expõem que “one’s identities are composed of the self-views that emerge from the reflexive activity of self-categorization or identification in terms of membership in particular *groups* [SIT] or *roles* [IT, explicação minha]” (ibid.: 225–226). A perspectiva apresentada revela-se assim indispensável para o nosso estudo. Os autores opinam que não podemos separar facilmente o grupo do papel, nem as identidades que surgem das últimas da identidade pessoal, dado que um indivíduo sempre e simultaneamente desempenha um papel e pertence a um grupo (ibid.: 228). Este ponto de vista valida também o uso dos dois princípios da IPT: a base da identidade social é a uniformidade com o grupo (a *pertença* na IPT). A base do papel social são as diferenças em percepções e acções que surgem na presença dos papéis opostos (a *distinção* e os *significant others* na IPT) (ibid.: 226).

Existem, de facto, mais trabalhos recentes que constroem pontes entre a dimensão social e a psicológica. Um estudo parecido – e de umas conclusões e propostas identificáveis – elaborou também Cerulo (1997), apresentando um vastíssimo elenco de lite-

ratura sobre os mecanismos identitários. Atrai a atenção o trabalho de Bucholtz e Hall (2005), que escrevem sobre a necessidade de uma visão multifacetada da identidade – “intersubjectively rather than individually produced and interactionally emergent rather than assigned in an a priori fashion” (ibid.: 587) – chamando a perspectiva proposta como *sociocultural linguistics*.

UM OLHAR AINDA MAIS VASTO

Ficam assinalados, desta maneira, os pontos de referência principais que poderiam servir para um estudo de um porte maior, cuja finalidade seria determinar as motivações e a mecânica da construção da identidade dos xalimegos, assim como dar prova do papel central d’a fala nos últimos, contribuindo na explicação da sua extraordinária vitalidade. Porém, as questões abrangidas neste esboço requerem forçosamente um complemento desde o campo da fonética, o qual, no entanto, também deveria exceder os seus limites tradicionais. Tratar-se-ia da fonética perceptiva e da sociofonética. Está ainda por ser planeado um fundamento empírico, complexo e multifocado, adequado às singulares condições da vida d’a fala.

BIBLIOGRAFIA

- ÁLVAREZ A., MARTÍNEZ H., URDANETA L., 2001, Actitudes lingüísticas en Mérida y Maracaibo: Otra cara de la identidad, *Boletín Antropológico*, año 20, vol. II, no. 52, Mayo-Agosto, Universidad de los Andes, Mérida, 145–166.
- ARGENTER J.A., 2000, Cultural identity and heteroglossia, *Estudios de Sociolingüística* 1(1), Universidade de Vigo, 27–39.
- BLAS ARROYO J.L., 2008 (2005), *Sociolingüística del español. Desarrollos y perspectivas en el estudio de la lengua española en contexto social*, Madrid: Cátedra.
- BUCHOLTZ M., HALL K., 2005, Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach, *Discourse Studies*, London: SAGE, 585–614.
- CERULO K.A., 1997, Identity Construction: New Issues, New Directions, *Annu. Rev. Sociol.* 23: 385–409. <http://www.annualreviews.org/> (15/03/2012).
- DONDELEWSKI B., 2011, «De costas viradas». *O falar de San Martín di Trebellu (Cáceres, Espanha) comparado com o falar dos Foios (Guarda, Portugal) através das realizações actuais do <ei> tónico, dos /s/ e /z/ iniciais e mediais e do <ch> pré-nuclear*, tese de licenciatura, inédita, Uniwersytet Jagielloński, Kraków. http://jagiellonian.academia.edu/BartoszDondelewski/Papers/779433/De_costas_viradas._O_falar_de_San_Martin_di_Trebellu_Caceres_Espanha_comparado_com_o_falar_dos_Foios_Guarda_Portugal_atraves_das_realizacoes_actuais_do_ei_tonico_dos_s_e_z_iniciais_e_mediais_e_do_ch_pre-nuclear (30 de novembro de 2011).
- DONDELEWSKI B., 2012 (no prelo), O mañegu e o falar dos Foios. Passado comum e caminhos evolutivos divergentes. Conservação e rejeição de dialectalismos, *Estudios hispánicos XX*, Uniwersytet Wrocławski.
- HALL S., 1992, The question of cultural identity, (in:) S. Hall, D. Held, T. McGrew (eds.), *Modernity and its future*, Polity Press, Oxford.
- HALL S., 1996, Introduction: Who needs identity, (in:) S. Hall, P. de Gay (eds.), *Questions of Cultural Identity*, London: SAGE.

- IGLESIAS-ÁLVAREZ A., RAMALLO F., (2002-03, Language as a diacritical in terms of cultural and resistance identities in Galicia, *Estudios de Sociolingüística* 3(2) & 4(1), Universidade de Vigo, 255–287.
- JASPAL R., 2009, Language and social identity: A psychosocial approach, *Psych-Talk*, September, 17–20. http://nottingham.academia.edu/rusijaspal/Papers/123620/Language_and_social_identity_a_psychosocial_approach - 15/03/2012.
- JASPAL R., CINNIRELLA M., 2011 (no prelo), The construction of ethnic identity: insights from identity process theory, *Ethnicities* http://nottingham.academia.edu/rusijaspal/Papers/129452/The_construction_of_ethnic_identity_insights_from_identity_process_theory (15/03/2012).
- JASPAL R., COYLE A., 2009, Language and perceptions of identity threat, *Psychology & Society*, vol. 2(2), Cambridge, 150–167. http://nottingham.academia.edu/rusijaspal/Papers/123613/Language_and_perceptions_of_identity_threat (15/03/2012).
- JASPAL R., COYLE A., 2010, “My language, my people”: language and ethnic identity among British-born South Asians, *South Asian Diaspora*, vol. 2, no. 2, September, London, 201–218. http://nottingham.academia.edu/rusijaspal/Papers/120206/My_language_my_people_Language_and_ethnic_identity_among_British-born_South_Asians (15/03/2012).
- GONZÁLEZ MARTÍNEZ J., 2010, Actitudes lingüísticas en una comunidad rural: Els Ports (Castellón). Datos de un cuestionario sociolingüístico, *Cultura, Lenguaje y Representación/ Culture, Language and Representation, Revista de Estudios Culturales de la Universitat Jaume I/Cultural Studies Journal of Universitat Jaume I*, vol. VIII/2010, Castellón, 75–95.
- PARK J.-E., 2007, Co-construction of Nonnative Speaker Identity in Cross-cultural Interaction, *Applied Linguistics* 28 (3), Oxford, 339–360.
- RAMALLO F., 2011, O enclave lingüístico de Xálima: unha análise sociolingüística, *Estudos de Lingüística Galega* 3, Santiago de Compostela, 111–135.
- ROSENBERG P., 2005, Dialect convergence in the German language islands (Sprachinseln), P. Auer, F. Hinskens, P. Kerswill, *Dialect Change. Convergence and Divergence in European Languages*. Cambridge U. Press, 221–235.
- STETS J.E., BURKE P.J., 2000, Identity Theory and Social Identity Theory, *Social Psychology Quarterly*, vol. 63, no. 3, Washington, 224–237.

Summary

A Persistent Vitality of the “fala”.

A Rough Sketch of the Theoretical Frame from the Perspective of Social Sciences

This article is an introduction to an alternative, interdisciplinary view over the problem of the vitality of the so-called *a fala* – a geolect used in the Xálima valley (Cáceres province, Spain), by the Portuguese border, quite well-known in the Iberian studies.

The existent literature concerning the problem is based mainly on the historical material and is not capable of fully explaining its maintenance mechanism in the today's world. In the author's opinion, it is necessary to take into consideration, on the one hand, the role played by a *fala* in the society and, on the other hand, the geolect's specific, phonetic properties, which – as it is supposed – are sufficiently salient from the perceptual point of view so as to activate the Xálima inhabitants' different identity processes (hypothetical *non-belonging features*) and, in consequence, protect the geolect from the standardization.

The article outlines the most promising research direction and presents some useful theoretical tools associated with the problem's social facet explaining the way of its application to the non-belonging features (the holistic vision of the self and its identity included in G. Breakwell's *Identity Process Theory* and in the Stets and Burke's general theory of the self).

Streszczenie

Nieustępliwa vitalność „fala”. Ogólny szkic teoretyczny z perspektywy nauk społecznych

Niniejszy artykuł stanowi wprowadzenie do alternatywnego, interdyscyplinarnego badania znanej w kręgach iberystycznych kwestii żywotności tzw. *a fala* – geolektu używanego w dolinie Xálima (w hiszpańskiej prowincji Cáceres) graniczącej z Portugalią.

Istniejąca literatura dotycząca problemu opiera się przede wszystkim na materiałach historycznych, które nie mogą w pełni wyjaśnić mechanizmu zachowania *a fala* w dzisiejszym świecie. Zdaniem autora należy mieć na względzie z jednej strony rolę, jaką *a fala* odgrywa w społeczności, z drugiej zaś specyficzne właściwości fonetyczne geolektu, które – jak się zakłada – są wystarczająco wyraźne pod względem percepcji, by aktywować mechanizmy budowania odrębnej tożsamości mieszkańców Xálima (hipotetyczne *cechy nieprzynależności*), chroniąc tamtejszą mowę przed standaryzacją.

Autor artykułu nakreśla najbardziej obiecujący kierunek badań problemu oraz przedstawia użyteczne narzędzia teoretyczne związane ze społeczną stroną problemu, wskazując sposób ich stosowania wobec cech nieprzynależności (holistyczna wizja *ja* i tożsamości zawarta w *Identity Process Theory* G. Breakwell oraz w ogólnej teorii *ja* Stetsa i Burke’a).